

> A região do Douro produziu cerca de 125 milhões de litros de vinho no ano passado

VINHO

O FUTURO DO DOURO

Conheça a receita do presidente do Instituto do Vinho do Douro e Porto para o futuro da região.

Luís Madureira lm@premio.pt

Hoje em dia, a região vitivinícola do Douro é um dos maiores activos de Portugal. Capaz de gerar elevadas receitas, tanto no mercado interno como externo, os socalcos durienses vivem, contudo, momentos decisivos no sentido de continuar a expansão da própria marca. O desafio passa por elevar a qualidade, exportar, controlar os excedentes e criar novos segmentos vinícolas.


Por ano, o Douro produz mais de 125 milhões de litros de vinho, seja ele um vinho tranquilo ou generoso. Na região existem cerca de 33 mil viticultores, grande parte dos quais se dedica à chamada economia de subsistência, afastados da lógica do lucro e da grande economia de mercado. Trata-se, aliás, de um dos grandes paradoxos socio-económicos. Já lá vamos...

Jorge Monteiro é o presidente do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP), nascido recentemente da fusão entre o Instituto do Vinho do Porto e a Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro. Com estatuto de «superministério» regulador, fiscalizador e certificador da produção na região, o IVDP tem também a função «apaziguadora» dentro de um universo de interesses e entidades distintos, de realidades culturais muitas vezes antagónicas.

«O Douro é uma região interessante e complexa, de extre-

mos. Continuamos a ter uma viticultura de subsistência, onde a sensibilidade para a qualidade não é uniforme, a conviver com uma enologia topo de gama, onde se aplicam modernas práticas vitícolas, com a presença de alta tecnologia nos processos de vinificação», explica Jorge Monteiro. Eis um dos paradoxos. Por um lado, garantir a continuação do ganha-pão de muitas famílias e, por outro, continuar a investir em tecnologia de apoio à fabricação de vinhos de qualidade.

A GALERIA DAS FRAUDES

Todos os anos é a mesma coisa. As apreensões por fraude à denominação de origem Vinho do Porto vão sendo realizadas um pouco por todo o mundo. As imitações possuem uma aparência idêntica à que usualmente se identifica como sendo a das garrafas de Vinho do Porto e são colocadas nas lojas junto do produto genuíno. Muitas vezes, o consumidor é induzido em erro quanto à sua origem e qualidade. No site do IVDP (www.ivdp.pt) existe uma curiosa «Galeria das Fraudes» onde são colocadas fotografias das garrafas apreendidas pelas autoridades. Violam as características físico-químicas, organolépticas e de qualidade determinadas pelo IVDP, os requisitos legalmente fixados para a comercialização e possuem rótulos não aprovados. Por isso, atenção redobrada ao que se compra. 

Mas não haverá propriedades agrícolas a mais, com custos de produção elevados por cada metro quadrado de terra? «Creio que é necessário haver uma concentração. Mas com limites. Há formas de concentração mais formais e outras menos formais», explica. «O importante é a racionalização da gestão e menos a questão da propriedade. Por exemplo, parcelas contíguas de diferentes produtores poderiam ser exploradas como uma só unidade».

Nos dias que correm, entre 15% a 20% das propriedades é pertença das casas exportadoras, «mais do que aquilo que é observável nas regiões de Champagne e Bordéus, e muito mais do que há 30 anos».

O DRAMA DOS EXCEDENTES

Não é um problema exclusivamente português. O Douro tem tido, nos últimos anos, variadas oscilações na produção, sendo que nos últimos anos os excedentes começaram a preocupar. Anualmente, produzem-se no Douro entre 230 mil a 270 mil pipas, valor que é considerado elevado. «Com um benefício na casa das 120/125 mil pipas para o vinho generoso e de 20 mil para vinhos tranquilos de denominação de origem Douro, sobra muito vinho. Este é um problema crónico que é preciso resolver», afirma o presidente do IVDP.

A função do Instituto é a de impedir a fixação de um benefício acima das necessidades do mercado. Para os mais leigos, o benefício é um quantitativo anual fixado por acordo entre a produção e o comércio, com a arbitragem do IVDP.

As empresas exportadoras têm um nível de «stocks» que é suficiente para gerir riscos de flutuação e estão no limite supe-

AS COMPETÊNCIAS DO IVDP

PROPOR A ORIENTAÇÃO ESTRATÉGICA e executar a política vitivinícola para a Região do Douro.

PROMOVER A CONVERGÊNCIA dos interesses da produção e do comércio na defesa do interesse geral da região.

CONTROLAR, PROMOVER E DEFENDER as denominações de origem e indicações geográficas da Região Demarcada do Douro, bem como controlar os restantes vinhos produzidos.

DISCIPLINAR, CONTROLAR E FISCALIZAR a produção e a comercialização dos vinhos produzidos na Região Demarcada do Douro.

PROMOVER E GERIR APOIOS para a orientação, regularização e organização do mercado dos vinhos do Douro e Porto, bem como do vinho Terras Durienses.

ESTIMULAR A ADOÇÃO DAS MELHORES PRÁTICAS no domínio da vitivinicultura e o desenvolvimento tecnológico.

rior das necessidades de reforço. «Resolvemos o problema de excedentes de vinho generoso. Não resolvemos o problema de excedentes de vinho na região», salienta Jorge Monteiro. O responsável do IVDP reconhece que «medidas drásticas foram tomadas noutros países, mas não queríamos ir por aí». As medidas drásticas podem ser, por exemplo, o recurso ao arranque de vinhas. Por isso, «ou somos capazes de produzir com qualidade e essa prática é acompanhada de uma agressividade comercial que coloque esses vinhos no mercado, ou então viver de excedentes torna-se insustentável».

CONSUMO E NICHOS

Há três fenómenos globais. O primeiro tem a ver com o excesso da oferta e com a pouca procura. O segundo prende-se com o crescimento do peso das grandes multinacionais na distribuição, capazes de impor regras e preços. Finalmente, há uma redução do consumo «per capita» nos países tradicionalmente consumidores de vinhos.

Há sugestões para contrariar esta apatia

mundial? «Não temos características para competir em mercados de massa. Os vinhos da Região Demarcada do Douro têm de se orientar para mercados de nicho, com produtos de nível de diferenciação elevado». Uma primeira ideia prende-se com a potenciação e exploração mais sistematizada do designado vinho regional, o patamar intermédio entre os conhecidos vinhos de mesa e os vinhos DOC/VQPRD.

«A prazo, não haverá lugar para vinhos sem qualidade. As culpas para a ausência de políticas de qualidade em todos os produtos portugueses encontram-se nos baixos padrões de exigência do mercado interno», sublinha Jorge Monteiro. Só para se ter uma ideia da importância da qualidade no contexto dos mercados internacionais, refira-se que, no segmento do Vinho do Porto, a exportação directa representa 87% das vendas totais. «E porque não há-de ser assim nos outros vinhos?», remata o líder associativo.

A qualidade não é, para o presidente do IVDP, uma opção. É um desafio obrigatório para a viticultura duriense. ■

O VINHO DO PORTO TEM ACEITAÇÃO MUNDIAL, MAS OS CONSUMOS ESTÃO EM QUEDA

Vendas de Vinho do Porto por país, em 2004

PAIS	VOLUME DE NEGÓCIOS*	PAIS	VOLUME DE NEGÓCIOS*
FRANÇA	92,5	JAPÃO	1,7
PORTUGAL	62,4	LUXEMBURGO	1,1
REINO UNIDO	55,2	NORUEGA	0,9
HOLANDA	50,6	REP. CHECA	0,8
BELGICA	39,6	MEXICO	0,7
EUA	29,8	FINLÂNDIA	0,6
CANADÁ	18,9	AUSTRIA	0,6
ALEMANHA	9,8	NOVA ZELÂNDIA	0,6
DINAMARCA	6,8	GRÉCIA	0,6
ESPAÑA	5,6	ANDORRA	0,5
ITALIA	4,6	RESTANTES	4,6
SUIÇA	3,7		
BRASIL	2,3		
IRLANDA	2,1		
SUÉCIA	2,1		
		TOTAL	400,0

* Milhões de euros | Fonte: IVDP

EM GERAL, há um menor consumo global e um crescimento da oferta, com a Europa mediterrânica a perder competitividade para os novos produtores (EUA, Austrália, Chile, África do Sul e Argentina) capazes de produzir vinhos «honestos», com padrões de qualidade agradáveis e um marketing agressivo.

